

AVENÇA


 Visado pelo
Comissário de Censura

Gaíato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII * N.º 309 * PREÇO 1500

AQUI, LISBOA! Por PADRE ADRIANO

Os catorze filhos do engraxador continuam sendo um espinho no nosso coração e uma pedra no sapato da nossa organização social. Nós apelámos daqui suficientemente para a caridade particular e fomos atendidos: nada menos de três casas do Património nos foram remetidas, além doutros donativos que através dos pequenos vicentinos temos feito chegar à família mártir.

Por seu lado as Assistentes Sociais têm feito relatórios e acodem com estrepotomina e pequenos subsídios. O Governo Civil mandou do mesmo modo proceder a um inquérito, resultando dele um azedo protesto e mais nada. Falavam em zento a Caridade e a Assistência burocrática e, o resultado está à vista: quase todos os filhos doentes, porque em vez de sangue trazem nas veias penicilina, em vez de sol a entrar pelas janelas, uma noite de 365 dias, e em vez de pão a subalimentação de outros tantos dias. Está mais que visto: ainda que se apliquem ao caso, tantas obras de misericórdia quantas o número de filhos, a situação continua insolúvel. É preciso clamar pela Justiça Social. Há quantos anos aqui foi dito que na Holanda, um chefe de família de treze filhos, recebia um ordenado superior ao do presidente da Câmara! Por cá é a mesma coisa... Casas demolidas em série apesar do clamor dos expoliados, deslocamentos em massa de abarracados, proibição absoluta de construir para eles; pois enquanto não estiverem satisfeitos todos os caprichos da gente farta, de nada valem os gemidos dos humildes. Se juntarmos a isto a imoralidade dos espectáculos e das pias, e da gente dos espectáculos, e das pias, e da gente dos espectáculos, acode às nossas igrejas, e o desprezo dos preceitos do Decálogo, e os crimes ocultos que se não expiam nas cadeias: não haverá matéria mais que suficiente, a clamar aos céus por uma intervenção divina que tarda mas não falha? Providencialmente temos as portas da providencialidade ao Património. Vamos à Província, que Lisboa está em pecado mortal! Se a nossa voz valesse alguma coisa havíamos de repetir o conselho de José do Egípto ao Faraó: manda enceleirar para o tempo das vacas magras!

x x x

A entrega das casas Liceu Maria Amália, Empregados do Instituto Geográfico e Cadastral e Encomendas Postais, foi motivo para novo alvoroço. Estavam largamente representadas estas Entidades. Era o dia Primeiro de Dezembro. Muitas comemorações se fizeram nesse dia mas nenhuma tão útil como esta. Resultado: mais casas nos Correios, mais casas no Liceu O fogo quece e alastra.

Os Aprofessores Primários têm também já a sua casa pronta, em Leiria. Começamos por ali porque foi o Distrito que mais avultou na contribuição. Segue-se Bragança. Se por lá houver alguém que queira pôr-se à frente da construção irá para lá a segunda. Se não, há mais quem queira.

A Comissão angariadora continua a trabalhar, na Escola Feminina N.º 9-R. Pe-

reira e Sousa-Lisboa. 1.000 do Assinante 30.394 todos os meses batidos à porta duma igreja; 100 em cheque para a quarta telha; Depósitos vários no Montepio, o nosso providencial posto de desobriga desde a primeira hora; 50 em carta de Lisboa; 100 da renumeração devida a horas extraordinárias de trabalho; 50 das Caldas da Rainha para o trabalho; 50 da Conferência do Lar e outro tanto para a Conferência do Tojal; 100 com o mesmo destino à porta duma igreja; 300 duma promessa pelas melhores dum incansável amigo. Cobertores, vieram já cinco em resposta ao apelo do *Jaquim* das vacas. Foi do Tojal. E Lisboa? 100 dum anónimo tão modesto que assina—quase analfabeto. O que vale é que para chegar ao céu, não são precisas grandes letras; 100 de Turim; 186\$50 da Nestlé; 100 litros de petróleo da Sacor e os quarenta litros mensais de Mobil; 100 sempre certos do casal de Arroios; 100 duma promessa, de Angola; 500 de visitantes amigos e outras quantias de outros. Canetas, riscados e um mundo de coisas da rua das Pedras Negras; 150 para um par de sapatos; panos de linho para o Calvário; castanhas da Sociedade Frigorífica; camas e mais mobílias que a furgoneta sai a recolher; 15 quilos de açúcar no Montepio, numa hora de esgotamento.

Continua na 2ª página

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Depois da entrega das seis residências dos Pobres da Foz do Douro, fui dar ali uma volta ver semblantes e ouvir impressões. É esta a hora de conhecer.

Na primeira casa há uma família numerosa. *Somos oito.* O chefe é um homem doente. Não trabalha. A força do vírus é tamanha, que os doentes de pulmões, depois de curados ficam doentes! A mulher tinha acabado de dar de comer aos filhos em tijelas de barro, sobre uma mesa redonda. É nova e muito lavada. Não acredita e já ali está desde ontem. *Isto será verdade?* Uns momentos e começa ela a dar-me notícias do lugar onde e como vivia e remata: *que pena eu tenho das vizinhas que cá ficaram; minhas vizinhas.* Isto são dois avisos preciosos. O primeiro é a solidariedade que se encontra na alma das classes rejeitadas. *Que pena eu tenho!* O segundo é a necessidade de muitas casas semelhantes, na freguesia da Foz, pelo que os vicentinos não podem descansar. Isto dizemos, porque tivemos ocasião de entrar em todas elas, onde se adivinha acerto na escolha e urgência de escolher mais. Vamos a ver.

Um pároco das proximidades de Espoende, diz aqui da sua justiça:

«Nas minhas caminhadas paroquiais a cada passo sou forçado a entrar em tugúrios, onde se vive em saibro e numa promiscuidade repugnante.

Como disse, a freguesia é populosíssima 3.700 almas a passar, e pobríssima; 1.500 lavradores pequeninos e 1.500 operários—pedreiros. Casam-se e não tendo onde meter-se, levantam quatro paredes e depois ali se metem e ali ficam, porque vêm os filhos, sem jamais poderem pôr um soalho e dividir uns quartinhos.»

Não são somente as circunstâncias em que o seu povo vive e a superlotação da paróquia. É também e muito principalmente a presença das sete moradias de Espoende. Elas estão e que belas! Foi possível. As dificuldades que pároco e vicentinos suportaram, são hoje doçura; e vão fazer mais!

Este pároco da diocese de Braga, usa os termos e mostra sentimentos de piedade semelhantes a tantos outros que desejam trabalhar; e fazem violência. Sabemos que a si mesmo fazem violência por não poderem.

O Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas, na sua recente visita a Ponta Delgada viu este assunto, conversou com sacerdotes de boa vontade e acaba de nos conceder 180 contos para ajudar a construir 36 moradias vicentinas nos sítios por Ele descritos. E eu vou. Já escrevi ao nosso padre Elias da Casa do Gaíato dos Açores. Havemos de ter uma reunião com os sete párocos in-

Continua na 2ª página

NOTA DA QUINZENA

O bispo auxiliar do Rio de Janeiro, em declarações à Imprensa, afirmou que a Igreja está interessada em acabar com as Favelas da cidade e no relato acrescenta que vai ser num prazo de poucos anos. Esta palavra *Favela* é desconhecida na nossa terra e até, o seu equivalente, tende a desaparecer.

A cidade de Latas de Entre Campos, a dita das Tocas de Coimbra. O Porto. Braga. Outras terras de Portugal; tudo isto que foi e está diminuindo, constitui uma pálida visão da força e importância da Favela. Só visto! São pinhas humanas dentro da própria cidade, paralelas às grandes avenidas e de tal raça, que eu mesmo, apesar de andar afeito, quando passei por ali muitas vezes tentei e nunca tive coragem de entrar! A Favela é o osso oficial dos Fluminenses e ora, ao que se lê, a Igreja vai atacá-lo. Nunca tão no seu tempo e no seu lugar! São uns cento e cinquenta bairros de latas, sem água nem luz, nem esgotos, onde meio milhão de emigrantes rogam pragas e assaltam. A própria força da polícia, não se atreve a ir de noite — e ali é sempre noite! O senhor bispo chama àquilo *um pecado colectivo de que todos somos culpados e*

pelo qual todos devemos fazer penitência construtiva. Oh sermão dos sermões! Isto ouve-se até para além da cortina de ferro! Segundo a primeira fase do plano, daqui a quatro meses, 1.200 famílias estarão alojadas. É a primeira Favela que desaparece. Uma igreja, duas escolas, campo de jogos, um hospital, estabelecimento de Serviços sociais. Quatro dos mais importantes construtores civis da cidade ofereceram os seus trabalhos gratuitamente. O comércio está disposto a pagar os materiais. Não sei que fala e que força é a dos bispos!

O bispo D. Helder Câmara não pretende deslocar, mas sim colocar no mesmo sítio e decentemente os Favelados em condições urbanas que não envergonhem a nossa cidade.

Acho isto tão humano, tão amoroso, tão excelente. Aqui há tempos passei por um bairro perto de Loures, para onde têm sido e estão sendo transferidos os Favelados de Lisboa. Não acredito que alguém aprove aquilo a não ser os que o fizeram. De muitas famílias a quem perguntei, todos me diziam: *antes a barraca.* São blocos de dez vivendas com materiais provisórios. Cada uma, é uma sala de entrada, uma alcova sem janelas e não é mais na-

da. Se três, se cinco, se sete filhos, não importa, todos têm de caber. Não há esgotos e isto faz arrepiar! São muitos blocos idênticos em filas extensas, onde falta piedade.

Em cada uma das extremidades há duas retretes públicas, onde as mães vão despejar e das quais todos se servem. Não há ninguém que aprove.

A Igreja faz outro conceito dos indigentes. Não afasta. Sem os fazer mudar de sítio ajuda a que mudem de situação. Ela vai às origens e não sai nunca do seu posto — a Enfermeira eterna! Por Igreja, o senhor D. Helder Câmara do Rio de Janeiro, quer dizer o corpo dos fieis de todo o mundo à roda dos seus bispos e estes com o Papa.

Neste sentido afirma ele que toda e qualquer modalidade de favela tem de ser exterminada; e restringindo, que as do Rio é com o bispo e fieis da cidade.

Só o Papa é infalível, quando fala e define *ex cathedra*, sim, mas também os bispos se não enganam, quando tomam o partido e defendem os fracos da prepotência dos homens.

Pudesse eu aqui dizer a imensa dor que me invadiu, ao tomar conhecimento da notícia!

e habi-
a onde
casas
nas nas
la. De-
s jar-
agas e
Porto.
em sa-
pieda-
e hoje
municip-
ntas fa-
gos de-
ultões
ranhos.
queiros.
a en-
ção be-
ão. Vai
escudos
im se-
o mbra.
merado
dentro
Lisboa
um do
É um
mulher
al reco-

IO

melhos,
veludo.
mesmo
anco, o
a linho,

entrega
ala com
ne obra
um vale
O Porto,
uito lhe
nha mu,
a cama
anceroso
im, mas
enquanto
que este
sinatura
obras da
ão fosse
ta encar-
É da rua
expres-
ção, o
er outra
to. Mais
a:

egostaria
construir
porquê.
medicina
ão o pro-
ulta que
o futuro,
bilidades
mas para
judassem
rque pela
hospitais

pre, são
se quere

ar o Cal-
lamente.»

terceiro página

vicentinos.
mais uma casa
céus foi entre-
nerosa.
ntamos com a
o Natal dos
vicentinos.
eus M. Rocha

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

No dia 15 fui mais o Sr. P.^o Horácio e o Carequita à Lentisqueira à matança do porco, Saimos de Coimbra de manhã cedo. Chuva era que Deus a dava. Pela estrada, encharcada viam-se grupos de operários, que sem terem com que se abrigar da chuva e do frio, caminhavam apressados a fim de chegarem a tempo de entrar nas fábricas e oficinas. Mas o mais triste era ver crianças descalças que aos grupos se abrigavam debaixo das árvores e atrás dos muros. A chuva continuava a cair. E elas tinham de se meter ao caminho para não chegarem atrasadas ao serviço. Chegadas aos empregos teriam de começar assim o serviço todas encharcadas. É triste muito triste mesmo.

O Sr. P.^o Horácio tem levado grupos de rapazes a Coimbra ver alguns filmes, visto nos deixarem entrar de graça.

O último filme foi «Marcelino, pão e vinho». Os rapazes chegaram aqui radiantes com o pequeno Pablito Calvo.

Temos andado a disputar com o lar de Coimbra um campeonato de futebol estando em disputa de uma taça. Realizamos já dois jogos. O primeiro depois de um jogo renhido registou-se um empate a três bolas. O segundo vencemos por 6-2. Os rapazes do Lar entraram fulgurantes marcando logo dois golos de entrada. Conseguimos chegar à igualdade no fim do primeiro tempo. Na segunda parte dominamos e pudemos aumentar a nossa vantagem.

No dia 8 de Dezembro foi o baptismo do Toninho, o rapaz mais pequeno desta casa. Todos fomos à vila assistir. O Sr. P.^o Horácio explicou primeiro todas as cerimónias do Baptismo. O Toninho estava todo contente ao colo do Figueiredo e quando lhe deitaram o sal na boca começou-se a rir. Serviram de padrinhos a Senhora D. Elda, de Coimbra, muito amiga da nossa casa, e eu.

Já temos uma máquina de cinema e uma máquina de filmar. Os filmes que temos são poucos e já os vimos todos. Se algum leitor por lá tiver alguns a mais nós agradeceríamos. A máquina é de 8 milímetros.

José Roque Crisanto

COIMBRA

Como o número dos nossos pobres foi diminuído a pouco e pouco, admitimos na nossa Conferência mais quatro, todos muito necessitados.

Vimos por este motivo, pedir aos estimados leitores o favor de não se esquecerem da nossa Conferência que agora está a trabalhar com muito mais dificuldades do que até aqui, pois os donativos são muito poucos e os pobres além de necessitados que são todos, são também doentes a maioria. Sede portanto caritativos para alcançardes a recompensa dos cem por um.

Também se alguém se lembrasse de nos enviar um aparelho de rádio não era má a lembrança, visto que o que cá tínhamos, era já muito velho e há dias adoeceu e nunca mais tocou.

Isto dá origem a que alguns tenham pedido licença e ido ouvir rádio para os cafés e juntamente com a música podem ouvir cousas que os podem prejudicar.

Como vêm a necessidade dum rádio numa casa de rapazes é muito grande e que tem de ser remediada. Vamos a ver quem é o nosso amigo que nos vai oferecer um aparelho de telefonia.

Desde já ficamos muito agradecidos. As férias já principiam e como de costume estamos a passá-las na Casa de Miranda, depois de um período de trabalho escolar em que eu julgo termos cumprido e desempenhado bem o nosso papel.

Numa distribuição de prémios trouxemos para casa os melhores.

O Faísca e o Zita conseguiram o 2.^o lugar num concurso de desenho e pintura dum objecto que seria entregue às mães no dia 8 de Dezembro.

Eu também ganhei dois valiosos prémios; um dado pelos Senhores Professores, outro pelo Colégio. Foi uma pasta para os livros e um livro.

O motivo porque fui premiado, foi uma redacção que fiz sobre a minha mãe.

E como o sr. Padre Horácio quer que eu a transcreva para o jornal ela aí vai:

A minha Mãe — «Aproxima-se o dia 3 de Dezembro, dia em que a Santa Igreja celebra o dia da Imaculada Conceição.

A Mãe de Deus é o exemplo e o modelo de todas as mães, por isso, este dia é consagrado a todas elas.

Para dar melhor realce a esta festa de gratidão dos filhos, o Colégio, por iniciativa da sr.^a Directora, organizou um concurso, a fim de ser oferecida pelos alunos, às suas mães, uma singela lembrança, produto do trabalho e habilidade de cada um.

Porém, nem todos poderão ter nesse dia a alegria de oferecer à sua mãe uma insignificante, mas valiosa oferta, pois significa o amor e os sentimentos dum filho grato que não esquece o que deve à sua mãe.

Um dos que nada pode fazer ou oferecer-lhe nesse dia, sou eu, que infelizmente não a cheguei

a conhecer, visto que a morte a levou quando eu tinha ainda poucos meses. Não posso tão pouco avaliar o que é o amor maternal, apenas posso pedir à Mãe Celeste, que interceda e ouça as minhas súplicas e que permita que me encontre um dia junto dela no Céu e aí a possa abraçar pela 1.^a vez.

Com que amargura eu via os meus colegas, alegres, prepararem as suas ofertas e eu não poder tomar parte e viver na mesma alegria!

Com que dor eu não escrevo estas linhas tão diferentes das dos meus colegas. Eles, a transbordar de alegria; eu, a transbordar de tristeza e saudade!

Se, porventura, estiver ainda a penar no Purgatório, Deus ouça as preces dum filho que não sentiu o calor do beijo da sua mãe, que também não teve a satisfação de ver o seu filho crescer, tornar-se risonho, de olhos vivos a transparecer a inocência e a graciosidade dum criança.

Mas a minha amargura é imensa, tanto mais que não foi só a minha querida mãe que partiu! Meu pai partira ainda antes.

No entanto não me considero infeliz. A Virgem Imaculada não me abandonou. Deu-me outro pai e outra mãe.

O Pai Américo e a Casa do Gaiato. Louvores sejam dados ao Pai e à Mãe do Céu e o descanso eterno ao meu querido pai e à minha querida mãe, que lembro, especialmente, neste dia soleníssimo.

Carlos Manuel Trindade (Sardinha)

PAÇO DE SOUSA

A nossa casa foi assaltada já por várias vezes por colegas nossos. Rapazes que cá estiveram muitos anos, vivendo a nossa vida e a comer do nosso caldo. É por isso que temos cá um guarda nocturno. Como neste tempo a noite vem mais depressa e há ainda muito movimento na aldeia, quem passa, costuma a avisar: Oh sr. guarda, sou eu! Sou eu que aqui vou sr. guarda. Vinha a sair das escolas. Luzes fechadas. Vejo perto de mim um vulto, e: Boa-noite sr. guarda. Mas este que falou era mas é o Pai Américo! Este achou piada e pôs-se a rir, mas nós um bocado atrapalhados.

— Ao sábado costuma-se fazer um Tribunal daqueles que têm roupa rasgada. O Chefe levanta a voz e diz: quem tiver a roupa rasgada, venha para o meio do refeitório. Hoje os réus foram bastantes. Lá estava a cara do Peiroteu, do Marmelo, do Peixeira, Zé Luís, Toupeira, etc. Depois de serem cumprimentados pela cana do Sejaquin, seguiram para seus lugares com o amigo: *Se no sábado aqui voltardes, será a dobrar!*...

— O presente número do «Melhor do Mundo», já sai composto na máquina de compor. É muito útil, vai-nos fazer muito jeito, mas tivemos que largar à volta de quatrocentos deles. Pai Américo põe as mãos na cabeça, mas os senhores quando começarem a ver que estão a ser bem servidos nos trabalhos comerciais e que o aspecto gráfico do nosso Gaiato está a melhorar, convidando mais à leitura, animam e em vez de meterem as mãos à cabeça, dirigem-nas ao bolso e pronto. Está tudo arrumado. A ocasião é propícia. Quem põe o dedo no ar?

Quem ensina a lidar com ela é o sr. Manuel Seixas, que explica tudo. Não fica para trás o mínimo pormenor. Os tipógrafos estão muito contentes. Alguns deles até se armam: *Vá, não estorvem. Deixem-me manobrar!* Já vi uns cartões de visita assim: Fulano de tal, compositor mecânico — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

— Com estes dias de festa, os correios desta terra têm imenso que fazer. E tudo por nossa conta. São encomendas de todos os lados. A Casa do Gaiato. Rev. Padre Américo. Conferência de de S. Vicente de Paulo. Aos gaiatos do Padre Américo. Para a cidade dos rapazes e assim sucessivamente. Não faltam cartas registadas. Postais ilustrados. Tudo. Outro dia fui ao Carvalhido, Porto, almoçar a casa do casal Fernandes, por convite deste. Agradou-nos em cheio, pois não faltaram as tripas à moda do Porto. Contei isto aos meus superiores e eles até ficaram com água a crescer-lhes na boca! Depois disto tudo recebo determinada quantia para a desobriga. Depois um embrulho com roupas: *Agora vão-lhes fazer muito jeito.* E não se enganaram. Diziam que aquilo era para o sapatinho, mas a verdade é que nem uma bota chegava!

— É manhã. Entro no refeitório. Não está ninguém. Em cima da mesa dos Senhores, uma cafeteira de leite fumegava.

Um, aqui há gato! Dou uma volta ao refeitório e debaixo dum das mesas lá estava o Manuel Bucha a bater-se com uma grande tije-lada. Ainda tentou disfarçar, mas já era tarde. E ainda diz o Manuel que não gosta de ser refeitoreiro... Se a senhora tinha visto, então é que ele perdia a vontade!

— Quando escrevo estas notas estamos a poucos dias do Natal. Os rapazes de cada casa levam musgo, pedras, eras, terra, para suas casas, onde em cada uma pretendem fazer o presépio. Lá está o da Capela, quase pronto. O Grupo Cénico atarefado para apresentar uma boa festa. Os pequenos já começam a pensar nas tradicionais trocas. Em qualquer lado se ouve

falar das rabanadas, batatas e bacalhau, etc. O Natal é sempre um dia de alegria em qualquer lado, mas na nossa casa é mais! A nossa família é grande, mas muito fácil de contentar. Tudo brinca. Tudo canta.

Os maiores levam os mais pequenos e os batatas às Canuchas. Brincamos todos. Todos nos unimos no mesmo pensamento. Louvar o Criador e Senhor dos Mundos.

— Estou no meu quarto. São dez horas da noite. Vou terminar esta crónica para atirar com um sapato ao meu parceiro de quarto que está a ressonar alto de mais!

Daniel B. Silva

Aqui, Lisboa! Continuação do 1.^o pág.

Mais visitantes. Trinta lugares reservados no Tivoli. Um dos donos veio aqui trazer os bilhetes. No intervalo tinha preparado uma merenda para os nossos rapazes; uma nota de cem cobriu as despesas da viagem. Era o Marcelino Pão e Vinho. Quem dera muitos Marcelinos para acabar com tantas misérias que se estadeiam nas telas.

Obrigado senhor Mayer! Mais 100 e 20 no Tivoli. 250 das Empresas do Crédito Predial; 100 dos Funcionários do I. G. Cadastral; 200 de Santa Iria da Azoia. Cinco camisolinhas (dantes eram quatro) porque agora tem mais uma netinha; 100 em sufrágio do sudoso Marido; 50 para o Calvário e 190 por várias intenções; 6.000 da Câmara Municipal de Loures. Depois da tempestade vem sempre a bonança. Que bênção para um povo encontrar quem no saiba governar na justiça e equidade! 100 da rua do Alecrim; 100 da rua Palmira e 50 dos alunos do 3.^o Ano Turma C do Liceu Camões e 25 à porta de S. Domingos.

Tudo quanto aqui fica, bem mostra que não acabou no mundo a Caridade. Se na vida quem dá aos pobres empresta a Deus, o mundo ainda tem alguma coisa a haver, depois do naufrágio universal reaparecerá a pomba da paz com o raminho de oliveira.

Património dos Pobres Continuação do pág. 1

teressados. Eles começam, cada um em sua paróquia. Os cinco contos dão para começar.

Imediatamente a seguir vem o povo com sua natural generosidade e alegria. Ninguém deve pedir nem esperar tudo do Governo e para esta obra do Património, muito pouco; quase nada. Não se trata de uma obra pública. É um bem particular da família da aldeia, que tanto mais o sente e ama, quanto mais caro tenha sido a cada um. Esta é a doutrina.

Depois de lá ter ido, hei-de dizer aqui de como foi e como não foi.

A Ilha da Madeira também está no programa, pois que também é vontade do Ministro. Quem ouvir há-de julgar que eu sou padre do Terreiro do Paço, e não é assim. Não é verdade. Sou do Papa ao serviço dos Pobres. Se alguém me ocupa para esse fim, não discuto. De resto, os nossos Bispos, sabem perfeitamente estes passos e a nenhuma parte vamos, sem primeiramente dar conhecimento, inclusive ao Núncio de Sua Santidade. Somos do Papa.

NATAL DE 1955

«Uma grande alegria vos vou dar; nasceu-vos o Redentor.» Estas singelas palavras, por serem mensagem Divina, causam no mundo uma revolução que não tem fim. O pequenino «Gaiato» enferma deste mal e deseja o mesmo a cada um dos seus leitores.

COBRANÇA

Hoje não sou eu; fala alguém por mim. Não acrescentei. Não diminuí. São brasas!

«Sou um dos muitos assinantes atrasados mas, pela minha parte, não é de forma alguma má vontade ou desleixo. Tenho 4 filhos; sou funcionário público e ganho apenas 1.200\$00 ilíquidos. Quando há saúde e trabalho para a minha mulher, que é costureira, ainda quase que chega para vivermos, mas a minha mulher há uns seis meses que adoeceu e só agora é que lhe apareceu trabalho mais abundante. Uns dias trabalha, outros fica na cama e de objectos de ouro e demais coisas dispensáveis e que tenham algum valor, nada há para empenhar. Tudo desapareceu na voragem. O trabalho em casa é muito mais bem pago e por isso, comprei uma máquina de costura no princípio deste ano, para pagar no fim do mês, 2 a 3 contos por conta. No entanto, estou a ver que nem quinhentos escudos posso dar e que também a máquina se vai embora. No entanto, seja o que Deus quiser.

Eu não posso ascender a escriturário de 1.^a classe, por não ter o segundo ciclo. No entanto, sou considerado um dos melhores funcionários da minha repartição (dizem), e até o serviço de encarregado tenho desempenhado com a mesma eficiência que o próprio encarregado. Assim, nem esperanças tenho de melhorar a minha situação.

Qualquer operário tem uma semana de salário pelo Natal e outros um mês de ordenado. Nós temos sempre o mesmo Natal: Um mês de ordenado que nos dessem, sarava algumas das piores chagas que se vão abrindo durante o ano».

Hoje, não digo mais nada acerca do andamento da nossa Cobrança. Não há aqui lugar. O desabafo do assinante que pede mora, enche, exclue, condena, chama à razão, leva ao arrependimento. São brasas!

O NOSSO NATAL

Vieram os do Lar do Porto mai-la senhora. Vieram os do Lar de Beire mai-la senhora. Como sucede nas outras casas, todos os anos, também aqui, este ano, compareceram daqueles que já vivem independentes, mas a quem as recordações do dia atormentam: Lembro o Malhado o Tobias, o Foz, um que nos disse coisas da Índia, onde serviu e defendeu a causa de Portugal durante 18 meses. Também este esteve.

Passava pouco das vinte horas, quando os grandes entraram na cozinha, colocaram aventais e toca a servir. O refeitório sofreu um arranjo para que não ficasse nem um sem prato e sem lugar—e não ficaram.

A ementa é a mesma do costume. Nem seria a festa do Natal se porventura aparecesse algo que não fosse o costume. Levantada a mesma, seguimos para o salão de festas, onde todos assistimos ao que o senhor padre Carlos tinha ensaiado com os melhores actores. Com certeza a seu tempo, o cronista da aldeia não deixará de (Continua na quarta página)

Tribuna de Coimbra

Temos andado atarefados para regularizar o terreno para as Casas para Pobres em Coimbra. Agora parece-nos que estará tudo resolvido, mas muito tem custado. Os vizinhos não compreendem e procuram assegurar-se. *Eles depois dão-nos cabo de tudo. E quem é que fica a vigiá-los?*

A doutrina do Património é tão cristã e, por isso, tão sublime, que os homens não a acreditam. *Ele pode lá ser? Dar uma casa a tal gente?* Pode sim senhor. É do Evangelho. O Senhor faz vir a chuva e o sol sobre os justos e sobre os pecadores. De todos é Pai e Senhor e Juiz e Recompensa.

Tudo está preparado para dar início à construção. O Senhor Arquitecto da Câmara, que quis oferecer a planta, já a entregou. A Câmara Municipal pôs todas as facilidades a seu alcance e quer ajudar na medida que lhe for possível. Têm apicido pessoas a marcar presença e muitos ansiosos a perguntar se já estão algumas feitas. Os alunos do Liceu D. João III têm a segunda quase no doze. O Pessoal dos C. T. T. de Coimbra depositaram no Banco a 3.ª prestação. De Condeixa cem em recordação da Imagem Peregrina. De Coimbra cinquenta para uma fechadura. As Filhas de Maria andam na casa dos vinte contos e ajudam a construir o monumento a Nossa Senhora. Os Sacerdotes têm estado parados, mas ficam hoje a saber que a sua casa vai agora já começar e por isso mandem resposta na volta do correio. E muitos outros estão a trabalhar.

Também os nossos amigos não têm descuidado completamente a nossa casa; embora já nas vésperas de Natal e os donativos não sejam numerosos, contudo os pobres vêm mais do que os do costume. E nós, embora com pena, gostamos de ver a Maria da Luz em Coimbra a despedi-los de mãos vazias e a dizer: *a Casa dá quando lhe dão para dar; este ano não dão e por isso não temos que dar.* Somos testemunhas de que tudo isto é verdade.

Do início de Novembro para cá, chegou-nos: uma sola que fomos comprar em Coimbra e o dono ofereceu-a; cem escudos dum motorista de Lisboa a quem ajudamos numa dificuldade; roupas e sapatos aos vendedores em Coimbra; livritos e uma caixa de giz de um amigo de Miranda; uma peça de fazenda da Covilhã duma senhora que faz assim todos os anos e há muitos deles; em Mira cinquenta da mão dum senhor. Vinte duma promessa em Coimbra a um vendedor; cem de visitantes; cinquenta no Lar duma senhora do Seixo de Mira que olha por muitos pobres e de muitos modos; quarenta dum rapaz pobre de Coimbra.

Dez cobertores de boa lã e duas camisolinas duma Senhora nobre de família e de acções que contempla assim muitos pobres. Azeite dum vizinho pobre; 500 escudos moçambicanos para o nosso Natal duma Cecília admiradora; cem duma promessa de Coimbra; as Fábricas Triunfo mandaram-nos as coisas de costume para termos um Natal Feliz. Assim lho desejamos também. Arroz dum senhor também da Triunfo. 40 a um vendedor em Coimbra para as broinhas do Natal; 120\$ da anónima dos Casais; em Coimbra roupas aos nossos estudantes de quem os ensina e muito os ama. Mas a prenda maior que Jesus nos podia mandar vem agora: *envio-lhe esta pequena importância de 32\$70. Desculpe em ser tão pouco, mas é o meu primeiro dinheiro que ganhei numa semana. Pedem-lhe a benção um seu homónimo.* Eu é que lhe ia pedir a benção se soubesse quem era este Horácio, de Coimbra. Um fato e várias coisas de Coimbra a um dos nossos; 50 em carta também de lá; o mesmo em vale da Figueira a pedir duas intenções que foram logo atendidas; 160\$00 na Covilhã a um vendedor para o nosso Natal; cem na minha mão numa rua de Coimbra. Uma gabardine no Fundão a um vendedor.

Padre Horácio

Não é só o fundo étnico que explica a emigração de milhares de portugueses para o estrangeiro em cada ano. É a conquista do pão em melhores condições que na Mãe-Pátria. Infelizmente, porém, é por vezes fraca a sua preparação, sob vários aspectos, para se poderem impor, como seria mister. Sobeja-lhes em espírito de aventura, sacrifício e trabalho o que lhes falta em preparação para a vida.

Tem-se feito já alguma coisa em prol dos emigrantes. Estamos, porém, ainda longe de atingir a perfeição. Não basta tenham, apenas, instrução e preparação técnica para vencer. Se não forem económicos, nada arranjarão. E se não forem morigerados, lá se lhes vão as economias. E se a sua vida não for informada pela Religião, como poderão ser de íntegros costumes? Não esqueçamos também os defeitos que tiverem na Pátria dificilmente os deixarão de ter no estrangeiro. Antes, crescerão lá à vontade.

Se partem mal preparados, que admira venham a ser uns falhados? Melhor, então, não tivessem saído da sua aldeia. Ao menos, na paróquia, havia tudo a unir a família. Lá longe, a vida em turbilhão. Corre-se facilmente o risco de trocar o amor sagrado da esposa por outros olhos e de esquecer os filhos, pedaços de alma, que fizeram sair o emigrante do torrão natal. Se o marido é a força da esposa, emigrando, fica esta na sua fraqueza. Mas também ele, longe da companhia, fica sem a trave e a candeia da sua vida, na expressão dum poeta. Muitas vezes, entraram ambos os esposos num clima de tentação, embora sob factores contrários. Ela, pela miséria. Ele, inexperienced, pela abundância. Não admira, por isso, se tenham, tanta vez, quebrado os laços sagrados do Matrimónio, com tremendas consequências no tempo e na Eternidade. Esquecendo Cristo e a sua Igreja, não admira se esqueça a família e, em seguida, a Pátria. Urge, pois, impedirmos a emigração para o estrangeiro, fomentando a riqueza nacional.

As indústrias caseiras regionais são um contributo valioso para a economia doméstica. Por tudo o que representam, não poderão as autoridades governativas deixar de as proteger da máquina que tenta asfixiá-las. Elas criam a variedade e a beleza. Dão outro colorido e outra animação às feiras. Trazem mais abundância de pão e com ele a paz e a alegria. Deste modo, a mulher, quando remunerada com justiça, não precisa de abandonar o lar, onde é rainha, para procurar outros locais de trabalho. Educa melhor os filhos, porque tem-nos à sua volta. Mistura o seu suor com o do marido na conquista diá-

EMIGRANTES

ria do pão. A cruz torna-se mais leve, e porque dividida por dois. Um conforta o outro no Getsémani da vida. São, em suma, fonte de virtudes domésticas. E a emigração para o estrangeiro perde o poder de fascinação, porque em casa não falta já o pão. Introduzir indústrias caseiras é, pois, fomentar a riqueza nacional e cimentar a família.

O emigrante é prolongamento da Paróquia e da Pátria, pelo que nem a Igreja, nem o Estado se poderão alienar de o amparar espiritual e materialmente. Antes, unirão os seus esforços na assistência a prestar-lhes.

Enquanto o emigrante não tiver assistência religiosa feita por sacerdotes portugueses, a viver com ele no estrangeiro, continuará por resolver um grave problema. Entretanto, os respectivos Párocos do Continente não poderão desinteressar-se do seu futuro espiritual, pelo facto de ter saído dos seus muros. Ao menos, uma circular, de quando em vez, tocante, a lembrar os seus deveres religiosos e morais, como não o ajudará a manter-se fiel a Deus, à família e à Pátria? E esta assistência religiosa redundará em benefício da própria Paróquia, pois assim o emigrante menos facilmente há-de esquecer a esposa, e esta com a ajuda económica dele recebida e com o seu trabalho sairá do terreno escorregadio da miséria e não o trairá. Haverá, assim, menos quedas morais a deplorar.

Com a emigração, está o nome de Portugal empenhado. Como deixar partir pessoas incompetentes, sem hábitos de trabalho, imorais, ébrias, sem desilustrá-lo? Franquear-lhes as portas é, além disso, levá-los para a ruína e com eles as famílias, que, por ventura, aqui deixaram. Por outro lado, deve dar-se mais livre acesso às famílias, que aos esposos singulares.

Criaram-se há pouco em Ordens artesanatos de lenços (chales) lisos. Procura-se, assim, resolver a crise de trabalho e todos os males concomitantes que afligem este meio, que, por ser muito pobre, tem impellido muitos para o Brasil. Na maioria dos casos, não lhes valeu a pena ter passado o mar. Há os que emigraram, após um ou dois anos, apenas, de casados. Há os que por lá vão esquecendo a família, não lhe enviando o suficiente para a honesta sustentação e os que a abandonaram, para se dar a um amor adúlterino. Há os que são condenados em Tribunal

os que terminam a vida a mendigar, de porta em porta. E, por cá, lá as esposas inocentes, por vezes caluniadas, a par das infieis, ambas abandonadas.

Na Paixão do Senhor, aparece-nos um Anjo a consolá-lo. Na subida do Calvário, de tão exausto, foi preciso um Cireneu levar-lhe a Cruz. E uma Verónica piedosa enxugou-lhe o Rosto desfigurado, de tanto sofrimento. Ele continua, até ao fim dos séculos, em agonia nos Seus Pobres. Anjos, Cireneus e Verónicas são todos aqueles que ajudam a levar a cruz do Pobre, percorrendo com Ele os passos dolorosos da Via-Sacra social.

Vai hoje aqui Pai Américo com uma dúzia de lenços (chales) dos grandes para as Criaditas dos Pobres. Uma Verónica de Viana do Castelo segue, rezando: *Deus ajude esta grande obra e em breve falem braços e sobrem encomendas.* Segue uma Professora do Liceu Carolina Michaelis, do Porto. Tem urgência. Nós mais ainda. É que esperamos faça propaganda (que termo laico! Antes, apostolado), dizendo dos chales entre as colegas e alunas.

De Oliveira de Azemeis segue uma Senhora com a encomenda de um. Procurá-lo-á no Lar do Gaiato, do Porto, por ser mais fácil para nós.

A Comercial Tabuense, L.da, vai também. O caso despertou-me uma certa atenção. Uma Verónica de Seia quer um de 110\$, desejosa de suavisar a miséria de quem trabalha. Segue uma Vicentina de V. N. de Gaia, admiradora das pessoas que trabalham. Precisamos de nos apaixonar pelas que não querem trabalhar, para as regenerarmos. Do Seminário de Gavião, vai um Professor, *Vicentino activo*, com duas encomendas, prometendo muitas mais. A de Souto de Carpalhosa dá o exemplo com 3 encomendas. Informa-se V. N. de Foz Coa que os chales grandes, em diagonal 1,90, 1,67 e 1,39 m. Vila da Rua, Valado dos Franques e Vila Formoso querem promover a venda dos ditos. Como agentes ou apóstolos? Se agentes, deverão querer a sua comissãozinha. Se apóstolo, venham daí. Irão na Via-Sacra, a meu lado. Cireneus e Verónicas. Terão de romper solas à sua custa. Ensanguentar os pés nas pedras dos caminhos. Gastar algum do seu bolso. Sofrer incompreensões por amor de Deus e do Próximo. Espera-nos, porém, o Céu. Pensem, escolham e escrevam-nos, de novo.

Lisboa levantou-se cedo. Vai aqui com 3 encomendas, um Cireneu de lá envia 100\$ para um chale médio, sendo o restante para a Conferência. Mais uma Verónica: *Não tenho pressa.* Mais da Capital uma dúzia deles. Agora é a vez de Melres. Segue-se-lhe Sacavém com um dos grandes, para uma Mãe de 12 filhos. S. João da Madeira marca presença. Junto 100\$ para pagamento (dum chale médio), sendo a diferença para despesas do correio. Tancos alinha com um soldado engenheiro de Lisboa. A sua carta é magnífica. De Barrancos, vai um médico com duas encomendas. Fecha a Via-Sacra uma criada de Santa Zita do Porto com 7. E mais nada.

Cores: é-nos impossível continuar com as cores à escolha do cliente. Para já temos à disposição: azul marinho, azul bebé, granada (vermelho escuro), rosa pálido e vários tons de castanho. Indicar, nos pedidos a fazer, a cor preferida e outras, no caso de já estar esgotada.

Preços: 110\$, 90\$ e 60\$. Pelo correio, mais 5\$00.

Padre Aires

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

CONSOADA: Estamos nas vésperas de Natal e nos preparativos para a distribuição duma farta consoada aos pobres, já que os inúmeros leitores do nosso *Revolucionário* têm correspondido em toda a linha—vamos com um saldo que nos aflige. Mal de nós, se não nos afligíssemos! A abundância é um sinal de Deus para trabalharmos mais e repartir melhor.

Natal. Nascimento de Jesus Cristo. Que data! A Segunda Pessoa da SS. Trindade fez-se carne e habitou entre nós, por nosso amor e para nos salvar. Como Deus é bom! A Suprema Bondade!

E foi numas palhinhas humildes que Maria deu à luz o Messias. Longe do mundo, da ostentação, a afirmar de maneira categorica que os Pobres estão mais perto do Reino dos Céus.

A gente vê nos jornais do dia e por esta época festiva, que tudo se envolve numa atmosfera de Caridade. Porém, um grito solta-se do fundo da nossa alma: será que os cristãos só reconhecem o valor da Caridade e a existência do Pobre nesta época? O Natal é sempre; a toda a hora e a todo o momento. O Natal é mesmo ao nosso lado; nosso vizinho. Se nas cidades, no mesmo prédio, quicá, no mesmo andar; se nas aldeias, no mesmo lugarejo. Ou se-

rá, ainda, que todos os Pobres nossos irmãos em Cristo, durante os restantes 364 dias do ano, não precisam de assistência material e espiritual?

x x x

«Não vou registar esta, fiada nas afirmações do Rev. Padre Américo que diz chegar infalivelmente à Casa do Gaiato tudo quanto para lá se manda. No entanto, gostaria de ver no vosso jornal a notícia de terem recebido o pouquinho que vos mando, pedindo o favor de não publicarem o meu nome, mas, usando apenas o número do assinautra: 2.687».

Assinante 10.258, 20\$00. Idem 12.400, o dobro. Idem 10.348, 50\$00. Idem 8.349, 20\$00. Dr. Joaquim Calveias, metade. De uma nulidade, 30\$00. Quem será? Assinante 2.707, 10\$00. Atenção Gândola: Prof. Magalhães Bastos, encerramos a nossa crónica de hoje com o seu donativo de 130\$00.

Desejamos a todos os nossos amigos um Natal feliz e um Novo Ano cheio de bençãos do Senhor.

JÚLIO MENDES

ISTO É A CASA DO GAIATO

Chegaram hoje da venda o *Banana*, Secundino, mai-lo Carlitos. Um vinha de Viana, outro de Barcelos e o terceiro de Braga. Sairam do Porto no *correio* das oito e eram nove e quê quando subiram ao meu escritório. *Banana* foi o primeiro. Como sempre, começa por refilar. Que não havia direito. Que vinham os três em jejum. Que pediram café ao passar pela cozinha e o *Russo* não o quis dar. Carlitos, mais acomodado, acrescenta que ao saírem do Lar do Porto, também ali o não deram por não ter ainda chegado o pão. Secundino deixava-se estar a ver no que viria a parar a moda. Eu mandei chamar o *Russo* e ele vem. Manuel de seu nome, é o cozinheiro chefe e tem cara de poucos amigos. Acontece que o seu irmão é o cozinheiro do Lar do Porto, de sorte que um não lhe deu café por falta de pão e outro faz aqui o mesmo por ser fora de horas. Foi preciso que eu me impusesse. Desceram todos à cozinha e os três vendedores tomaram café. Eu cá adoro estas auto-resoluções. Se não fosse o haver no nosso meio rapazes da marca do *Banana*, *Russo* ganharia todas as partidas.

x x x

Este foi três anos a seguir a banhos para a praia de Leça e ali tomou conhecimento com uns visinhos da barraca, que provou ser uma família de bem e que se tornaram mui amigos do rapaz. Assim é que em dia de seu anos, o *Russo* vai ao telefone, liga e comunica que tenciona ir passar o dia ao Porto e aparece para almoçar! Regressa com sua prenda, com muitas saudades e com a certeza de que no ano seguinte volta. Mas ele faz mais. Havendo qualquer festa de circunstância no Porto anda telefone. *Russo* telefonou por um bilhete para o último encontro do Sporting e Porto. ponto de o virem aqui trazer no seu automóvel!! Eram três irmãos que chegaram em pequeninos. Um fugiu e nunca mais ninguém soube dele. Outro está no Lar do Porto. Este aqui. O pai morreu. A mãe deu em droga e anda por lá.

x x x

Por futebol, não sei que trapalhada foi aquela naquele domingo, entre o Sporting e o Porto. Não sei. Só sei que aqui em casa se levantou uma tal poeira, que os maiores não ouviam ninguém nem nada e tudo era punhos cerrados e olhos em lume. Que teria acontecido?

x x x

O mais pequeno das oficinas de carpinteiro é o Agostinho, que chegou há meses com a quarta classe feita e logo escolheu o officio de seu pai; *quero ser carpinteiro*. Como quer que tivesse mostrado a sua rara habilidade num par de socas que fez a um amigo, segue-se que hoje muitos querem ser compadres e temos a aldeia cheia de socas nos pés de toda a gente. Na capela. No refeitório. Nas camaratas. Oficinas. No hospital. Onde quer que haja tábuas aí vem o barulho das socas, que também são de tábuas. São chusmas de rapazes calçados desta maneira. Se acontece vir um da tipografia comunicar-me que atenda o telefone, tenho de esperar que ele desça os degraus das escadas, pois foi e os amigos da barraca chegaram ao que se o não faço não oico. Aqui temos um caso de iniciativa particular. Não é só o carpinteiro. Nas oficinas de sapateiro existe um que acaba a obra com tiras de cabedal. Entre nós tudo se pode fazer menos pecar.

x x x

A Casa de Beire é hoje o delicioso intercâmbio das duas casas; elas distam 10 quilómetros uma da outra. Todos os domingos vai daqui um grupo de rapazes passar o dia. A senhora da cozinha que

daqui foi, telefona no sábado para que se não esqueçam e que não faltem. Nunca são mais mas também não são menos de quatro. Com a senhora da cozinha, foram o Zéquita para a cozinha, o Zé Maria e o Antoninho para serviços de dentro e vão à escola da freguesia e o Américo para os mimos e meiguices. Este andou uma tarde inteira na sementeira do centeio, ao colo do Bártolo, que conduzia o tractor. Também foi um cão. Muitas galinhas. Uma junta de bois. Uma toira. Uma vaca. Estão dois porcos com guia de marcha e o mais que se verá. Nas vezes do Antoninho ficou o Melo de refeiteiro à minha pessoa. Melo perdeu um sapato e hoje vem-me servir com uma soca no seu lugar! Nós temos aqui o excêntrico quotidiano, no que diz respeito a vestir e a calçar. As cores. Os feitios. Os jeitos. As maneiras. Só visto!

x x x

O P.^o Carlos acha delicioso que os 25 batatas estejam no refeitório sempre contentes com o que se lhes dá e que esperem pela sua vez e que não batam o pé nem façam beicinho nem aquilo a que chamam birras nem nada. Delicioso, sim, porquanto ele é de um tempo e vem de um meio onde basta uma criança para dar que fazer à família inteira. E ele, Carlos, não dava fé. Parecia-lhe que aquilo era natural e inevitável. Hoje não. Hoje vê como do menino d'algo se pode fazer um sujeito antipático, afastado, inútil.

x x x

A hora do recreio, nestas vésperas do Natal, é ver chusmas de rapazes com sacos de musgo, ramalhos de arvoredos, tábuas e casqueiras, padiolas com pedregulhos, todos em direcção às casas da aldeia, cada um à sua. A alegria deles corta-se à faca. Cada um presume em ser o melhor. São os presépios. Não se contentam com o da igreja; querem um em sua casa. Alegria fugaz? Não. Aquilo é de dentro. Permanece até ao ano e pela vida fora.

Parece que estas perdas de tempo e estragos de coisas deviam ser banidas da comunidade; socas, bicicletas, arcos e ganchetas, inúmeros inventos. Sim. Parece. Tudo isto constitui a sua magnífica e natural produção. É deixar.

x x x

José Manuel Pereira Dias é o *Formiga*, assim chamado por causa do seu tamanho, quando chegou; e muito conhecido dos leitores, no tempo em que era das capoeiras. Hoje, não. Hoje é um aprendiz de mecânico de grandes esperanças e já não dá por aquele nome. Ora o Pereira Dias costuma escrever cartas para Viseu, que vêm devolvidas, sim, mas ele não desanima e torna. São dirigidas à mãe. Ele quer a mãe! Perguntei-lhe se a conhece, se alguma vez a viu, se tem luzes, e nada. O rapaz não sabe nada!

—Então porque escreves para Viseu?

—Porque vem assim no papel da escola. E o Pereira Dias que vai crescendo em idade e descobrindo por si mesmo os segredos da natureza, quer e procura a sua mãe. Manda cartas e nós deixamos. São devolvidas e nós deixamos. Ele continuará suspirando por um dia que possivelmente jamais é, agarrado ao simples nome dela, qual naufrago a tábuas da embarcação afundada!

Todos nós em Portugal, andamos ainda quentes e emocionados da fita «Marcelino», tão nua e tão real! A verdade é assim. O «Marcelino», que muito queria um irmão, levava o tempo a perguntar notícias da sua mãe. A toda a mulher que encontra logo pergunta: *tu és mãe?* E aos religiosos do convento, não há hora que lhes não peça: *onde está a minha mãe?*

O Mundo anda cheio de *Marcelinos*. Como o nosso antigo *Formiga*, quantos!

Oh pungir! Só a visão de Jesus, como fez o autor da fita. Só o Pai Celeste é capaz de dulcificar os Inocentes.

Fosse o homem só matéria e ninguém dava fé. Aquela fita não teria sentido. As legiões de «Marcelinos» de hoje na Alemanha retalhada procuram a mãe; e as do Japão; e as da Coreia; e as de todo o mundo por onde a besta tem andado, não teriam quem se afligisse e quem chorasse. Mas não. Esteve aqui há dias uma senhora Dinamarqueza. Também ouvi a um Suíço. Os abrigos. As ridentes aldeias. O carinho. O amor. O homem também é espírito. É mesmo por causa disso, que os nossos, aqui em casa, procuram conhecer suas mães.

x x x

A abertura de pacotes, continua em grande forma. São os da rouparia que trazem os cestos ao meu escritório, para encher e conduzir, mas ao fazê-lo, passam na cozinha e não se seguram. Dizem. Resultado: um mundo! Cozinheiros, refeiteiros, os da casa do forno, algum outro que na maré esteja. Um mundo!

x x x

Recebemos, hoje, uma carta do Porto. *Eu era uma prostituta, eis a apresentação*. Depois vem a história do filho que se encontra no mundo. Depois a história da mãe — *eu estava empregada mas mandaram cartas a contar o meu passado e mandaram-me embora. Queria não voltar à mesma prostituição. Peço pelo amor de Deus que tenha pena desta infeliz mãe*.

Nós estamos superlotados, contudo, mostrei a carta ao Padre Carlos e ambos faremos pelo melhor. Temos de assim proceder. P.^o Aires, agora da *Obra da Rua*, disse neste mesmo, em um dos últimos números, que a prostituta é uma nossa irmã desfigurada. Isto são afirmações a que não andávamos afeitos, mas são afirmações. O Evangelho fala delas. Claro está que as não aprovamos, mas se o são — são irmãos.

x x x

O senhor Engenheiro chegou aqui agora mesmo, muito contente da sua vida porquanto Júlio, nas minhas barbas, acabava de oferecer um copo d'água à sua gente, em virtude da presença e funcionamento da máquina de compor. Senhor Engenheiro quis assim dar-me uma chega por eu haver dito neste lugar, que os *copos d'água* só se têm dado na minha ausência. Mas a verdade é que ele pudera ter sustado. Pudera e de vera, não morresse ele por festas desta natureza. Ora aqui está.

x x x

O Manel, *solista* das festas do Coliseu, é actualmente o refeiteiro dos senhores. Tem dez anos. Fala grossa. Brigão. Anda sempre a cantar. Às vezes acontece vir ele ao meu refeitório, na hora em que ali estou, por qualquer coisa que lhe falta. Abre a porta embalado, todo sorrisos! Eu tenho 68 feitos. Tudo são brancas. Sou o fundador da obra e director desta casa. Sei de muita gente que gostaria de me falar e não o faz por se atrigar. *Manel Bucha* não. Não senhor. Ele pensa doutra maneira. Não pesa nem mede pela medida dos mais. Se lhe mostro cara feia e digo que assim não, ele coloca o polegar na ponta do nariz, abre os outros dedos e faz-me uma pirueta enquanto se retira!

Ora isto não pode ser. Isto tem de acabar ou acaba a Casa do Gaiato.

Infelizmente nem sequer tenho a quem me queixar. Se o faço ao senhor Engenheiro, como desta vez foi, ele desata a delirar. Exulta. Acha que assim é que é. E eis de como me tenho de ir preparando para acabar meus pobres dias!

Estava eu posto em hora feliz a escrever

o *Isto é*; palavra pronta, ideia fácil, assunto saboroso. Tudo isto era, mas durou pouco. Foi-se a veia. Um rapaz cantava modas. Os sons vinham até mim. Queria conhecer a voz, discernir o que ele cantava, tudo eram embaraços e eu desci a ver quem era. Quem havia de ser? O *Manel Bucha*. O cantor das festas do Coliseu. Ele viu-me mas não deu fé do que ali me fez ir. Como o amor exclui o temor, Manuel continua a esfregar o chão e a cantar. Era a sua obrigação.

Isto tem acontecido muitas vezes; nós fazemos o jornal com eles, no meio deles. Melhor; eles fazem o jornal comigo, à minha roda, em seus trabalhos, em folguedos, seus cantares. De forma que nada disse ao Manuel. Nada digo a outros. Eles estão na sua hora; eu é que tenho de procurar a minha. Eis.

x x x

Tenho sobre a mesa de trabalho uma carta do Amândio. O da Inglaterra. Gaiatos na cabeça do mundo! *Sabe que a semana passada estive em Londres, pois eu vou lá todas as semanas!* Ir a Londres todas as semanas! Quantos desejariam fazê-lo ao menos uma vez na vida! *Recebi ali uma proposta vantajosa para Nova Zelândia*. Não terá remorsos o pai dele, que o abandonou, ao saher pelo *Gaiato* que o seu filho é assim tão querido e tão requestado? Não se doi? Não asfixia? Oh carne!

O NOSSO NATAL

(Continuação da segunda página)

tocar este ponto na sua próxima, e muito tem que dizer. Do salão de festas, demos entrada na capela, assistir à missa da meia-noite, que este ano começou um nadinha depois, por um atrazo na luz. Tanto a uma como a outra coisa, houve larga afluência de povo da freguesia e vizinhanças, como é já dos livros.

Os nossos vicentinos não se esqueceram de fazer uma larga distribuição de géneros tendo ido cada um à casa do seu Pobre, entregar a consoada e marcar a presença. Nada supre as duas falas de ocasião.

Três dos nossos que hoje vivem em seu Lar, Avelino, Júlio e Manuel Pinto, também eles festejaram à sua mesa o Natal do Senhor, não lhe faltando matéria para dar acção de graças ao Pai Celeste. Tudo isto teve lugar na noite de 24.

Madrugada do dia vinte e eis o *Morris* na estrada, a caminho de Miranda, onde me esperavam para celebrar a segunda missa, o que fiz com imenso agrado. Dirigindo-me à capela repleta de povo chamei a todos *amigos da porta* e é verdade. Eu moro em Miranda. Na Casa do Gaiato de Miranda. Por muito que ande e viva, tenho ali as raízes.

Além do mais, houve ali uma circunstância que emprestou um ar de festa especial; foi a inauguração da torre da capela que hoje se vê longe, de alta, com um sino de bom timbre. Foi uma festa do povo porque o sino é uma oferta de alguém da terra.

Ao meio dia estávamos à mesa. Eram os do Lar do Porto. Eram os adventícios de quem já mal me recordo; um veio de Torres Novas, ali empregado. Outro veio de Coimbra, funcionário dos C.T.T.. E mais e mais e mais.

Quanto às Casas do Gaiato do Tojal e de Setúbal e dos Açores, os senhores não têm outro remédio senão esperar por notícias, até que os crónistas tenham tempo de escrever e nós espaço de publicar. E até ao próximo se Deus quiser.